



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9540 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

LETRAMENTOS ACADÊMICOS: CONFLUÊNCIAS TEÓRICAS E DIDÁTICAS
Marcela Tavares de Mello - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL FLUMINENSE

LETRAMENTOS ACADÊMICOS: CONFLUÊNCIAS TEÓRICAS E DIDÁTICAS

RESUMO

O desenvolvimento de letramentos acadêmicos implica a iniciação a novos modos discursivos e a novas formas de compreender, interpretar e organizar o conhecimento (LEA; STREET, 1998). Tendo em vista que a interação ocorre por meio de gêneros discursivos, pode-se concluir que a socialização dos sujeitos nas esferas discursivas em que circulam depende da assimilação de gêneros. Na esfera acadêmica, então, a efetiva inserção dos universitários depende do desenvolvimento da leitura e da escrita dos gêneros discursivos acadêmicos. Sendo assim, aos docentes se apresenta o desafio da elaboração de expedientes pedagógicos que visem a promoção da leitura e da escrita dos gêneros acadêmicos nos cursos de graduação e pós-graduação. Com base no exposto, neste estudo, busca-se apresentar alguns constructos teóricos e um itinerário didático correspondente a estes com vistas ao desenvolvimento dos letramentos acadêmicos dos participantes da esfera acadêmica. Os pressupostos teóricos fundamentais que alicerçam as reflexões provêm, sobretudo, dos estudos dos letramentos acadêmicos e dos gêneros discursivos.

Palavras-chave: letramentos acadêmicos; gêneros discursivos; itinerário didático.

1. Primeiras palavras

Inúmeras pesquisas já evidenciaram que a escrita de gêneros discursivos acadêmicos é um desafio para os estudantes que circulam na esfera acadêmica (STEPHANI; ALVES, 2017; RODRIGUES; RANGEL, 2018). Tais estudos apontam, ainda, que há, no ensino superior, uma situação paradoxal. Por um lado, há uma expectativa por parte dos professores universitários de um modo geral de que os estudantes entrem na faculdade com conhecimento e desenvoltura para o gênero acadêmico. Por outro lado, são raras as disciplinas ou atividades institucionalizadas voltadas ao ensino de gêneros discursivos acadêmicos, como espaço propiciador de vivências de leituras-escritas universitárias, obviamente atreladas a práticas formativas para a pesquisa e para a docência, no caso dos cursos de licenciatura.

Esse contexto - expectativa dos professores, desafios enfrentados pelos estudantes e

ausência de um trabalho sistemático com ensino se gêneros acadêmicos - muitas vezes faz com que os estudantes cheguem ao mestrado (XXXX), quiça doutorado, sem ter desenvolvido as práticas leitoras e escriturais que circulam na esfera acadêmica. Posto isso, neste trabalho, busca-se apresentar constructos teóricos e didáticos considerados essenciais para a promoção dos letramentos acadêmicos dos participantes da esfera acadêmica. O texto é desenvolvido com base em pesquisas e práticas pedagógicas realizadas pela pesquisa no decorrer de alguns anos de estudos sobre a temática em pauta e pretende oferecer contribuições para que práticas como a nele descrita se consolidem em outros espaços acadêmicos.

2. Pressupostos teóricos

Dois aspectos merecem destaque no tocante aos estudos do letramento e dos gêneros discursivos. O primeiro é que os letramentos relacionam-se à ideia de que a escrita, a leitura e a oralidade são sempre situadas em práticas sociais específicas, produzidas e concretizadas em um tempo-espaço político, cultural e socioeconômico. O segundo é que um letramento específico é sempre um letramento em algum gênero discursivo, visto que “podemos ser letrados em um gênero de relato de pesquisa ou em um gênero apresentação de negócios” (LEMKE, 2010, p. 457). Daí a natureza ininterrupta e situada dos letramentos.

Nessa direção, apresentam-se os estudos dos letramentos acadêmicos que visam a compreender questões sociais e textuais da esfera universitária, em outras palavras, apreender “as formas de ser, ouvir, escrever, ler, agir, interagir, acreditar, valorizar, sentir, usar recursos, ferramentas, tecnologias capazes de ativar identidades relevantes” específicas dessa esfera (FISCHER, 2007, p. 45).

Em se tratando de letramento acadêmico, quando ingressa no Ensino Superior, o graduando se depara com alguns aspectos que causam e dificultam sua inclusão nessa esfera, tais como a mudança de nível de ensino (e, por isso mesmo, de esfera discursiva) e a diversidade das práticas letradas acadêmicas e, nelas, dos eventos de letramento.

Logo, para que os estudantes se sintam *insiders* - este termo foi utilizado por Gee (2001) para tratar da inserção efetiva dos indivíduos nas esferas pelas quais circulam e desenvolvem a condição letrada no Discurso acadêmico, além de realizar um trabalho sistemático sobre as práticas letradas em eventos de letramento específicos- faz-se necessário, segundo o autor, esclarecer os porquês de tais práticas serem privilegiadas na referida esfera e quais são seus objetivos e significados.

Diferente do conceito de iletrado, de acordo com os pressupostos dos NLS, os estudantes universitários são letrados; todavia, ainda não possuem os conhecimentos necessários para se inserirem nas práticas do Discurso acadêmico. Além disso, a maioria deles é exposta, ao longo da educação básica, a concepções de linguagem que muitas vezes são diferentes daquelas de que necessitam para interagir tanto no meio acadêmico como fora dele, uma vez que o ensino-aprendizagem da língua não tem uma relação direta com as práticas sociais.

Não diferente, muitos docentes universitários, não refletindo efetivamente sobre os usos da língua e sobre a necessidade de ensiná-los aos estudantes que estão se inserindo nesse espaço-tempo *sui generes*, partem do pressuposto de que eles já ingressam na universidade tendo desenvolvido o conhecimento necessário para compreender e produzir os textos que circulam na academia, instaurando, segundo Lillis (1999), o discurso de *déficit*.

A autora acrescenta que essa compreensão leva o docente universitário a adotar a *prática do mistério*, como se os alunos, muitos deles oriundos de escolas brasileiras sucateadas, pudessem descobrir por conta própria as convenções da escrita acadêmica. Em outras palavras, exige-se a produção de resumos, relatórios, resenhas e artigos científicos, para citar alguns gêneros, sem a criação de expedientes pedagógicos para que essa vivência se torne possível. A partir desse panorama, surgem os conflitos de identidade, pois “há muita diferença entre quem são e quem são solicitados a ser e a desempenhar na esfera acadêmica” (FISCHER, 2007, p. 113-114).

3.Práticas pedagógicas: o fazer pedagógico

Considerando o exposto na seção anterior, na esfera acadêmica, então, “os letramentos acadêmicos se constituirão, por assim dizer, como sinônimo de letramentos em gêneros próprios do ambiente universitário” (BEZERRA; LÊDO, 2018, p. 204). Em outras palavras, a efetiva inserção dos universitários depende do desenvolvimento da leitura e da escrita dos gêneros discursivos acadêmicos.

Operando com essa perspectiva e considerando as características relativamente estáveis, bem como sua condição situada e discursiva, apresentam-se, a seguir, algumas atividades que compõem o itinerário didático. Nas ações direcionadas ao ensino sistematizado dos gêneros discursivos, são contempladas questões textuais e discursivas, levando o estudante a vivenciar situações reais do uso da língua, para que possa compreender suas intencionalidades, papéis dos interlocutores, relações de poder e hierárquicas envolvidas, valor cultural, dentre outros aspectos.

As ações extensionista e de ensino têm como objetivo principal oferecer aos participantes subsídios para a escrita de algum gênero discursivo acadêmico. São selecionados gêneros discursivos que os estudantes precisam vivenciar para interagir nas práticas que circulam na esfera acadêmica. Para isso, busca-se criar espaço para a formação de um leitor e analista crítico e um escritor de seu próprio texto, em uma perspectiva imersiva, não apenas transmissiva do conhecimento.

O primeiro movimento é apresentar uma situação de uso concreta do gênero aos estudantes. É necessário pontuar que a proposta da produção escrita de gêneros trabalhado, na maioria das vezes, é realizada com vistas à socialização no contexto de periódicos, eventos científicos entre outros das áreas de conhecimento das quais os participantes fazem parte. O objetivo da apresentação do projeto de socialização é proporcionar uma aprendizagem ao aluno de maneira mais natural e intuitiva. Depois de apresentar o projeto de socialização do gênero, são levantados alguns apontamentos gerais, mas que nem sempre são tratados com transparência nos ambientes escolares, sobre o processo da produção escrita: (a) escrita é processo que envolve leitura, escrita e reescritas; (b) há inúmeras possibilidades de estruturar e organizar os textos, e que, por esse motivo, apresenta-se um “como pode ser feito”, e não “como deve ser feito”, considerando as coerções e os espaços para inovação; e (c) há especificidades na composição textual a depender da área de conhecimento.

Em seguida, solicita-se aos participantes que escrevam uma versão primeira do texto com intuito de verificar a bagagem que eles trazem acerca da compreensão do gênero analisado. É preciso pontuar que tais produções são sempre analisadas e consideradas para

definição dos encaminhamentos pedagógicos que se sucedem.

Posteriormente, são distribuídos exemplares de textos do gênero analisado, para que os participantes possam observar os textos ali disponíveis e analisar como e onde o gênero em estudo se materializa e, em seguida, dar início a explanação acerca das características do gênero – são detalhados aspectos discursivos e textuais. Embora sejam apresentadas algumas questões discursivas do gênero, é enfatizado aos estudantes que tais aspectos só são, de fato, compreendidos principalmente em situações concretas do uso do gênero.

São apresentados modelos mais canônicos, recorrentes do gênero, ratificando que há coerções no que diz respeito a sua escrita, mas também há espaços para inovações. Pontua-se, ainda, sobre as especificidades das diversas áreas de conhecimento em relação à organização dos gêneros discursivos, destacando as diferentes formas com que foram estruturados. Dessa forma, pretende-se evitar uma modelização enrijecedora do gênero (SOBRAL; GIACOMELLI, 2017).

Sobre os aspectos discursivos, em diálogos estabelecidos com os estudantes, são realçados: as formas de socialização do gênero discursivo analisado; o objetivo do gênero; papéis dos interlocutores e a identidade assumida ao utilizar o referido texto; objetivo do leitor; posições hierárquicas que os integrantes da situação comunicativa ocupam e a que julgamentos estão sujeitos; a importância de uma aproximação de humildade e da disposição para lidar com as críticas, quando estabelecidas, a fim de aprimorar e aprofundar o conhecimento. Do ponto de vista das características textuais, são destacados os seguintes aspectos: predominância o uso da variedade padrão da língua; o posicionamento enunciativo do autor; a utilização dos verbos; a formatação; estrutura mais canônica e suas variações.

Concluídas as análises, solicita-se aos participantes que iniciem a produção textual, sugerindo que busquem compreender o contexto da produção em que o texto será utilizado: a identidade do autor, o local de publicação do texto, objetivo da escrita, endereçabilidade, entre outros. O tempo de produção textual varia de acordo com o gênero estudado. Assim que concluem a produção, é distribuído um quadro, denominado *Crítérios de Avaliação*, que deve ser preenchido para a autoavaliação de suas respectivas produções. Há um movimento constante de *feedback*, revisão e reescrita do texto.

Quando encerrada a revisão e a reescrita, é solicitado aos participantes que formatem o texto de acordo com as normas estabelecidas pela revista ou evento ou e realizem a submissão do texto. É preciso pontuar que todas as produções, em geral, são submetidas a revistas e sites acadêmicos. Isso significa que, independente da avaliação obtida – nem sempre é possível acompanhar o processo de avaliação e, por isso, considera-se esse ponto uma lacuna do encaminhamento –, os participantes desenvolvem a identidade acadêmica e se inserem em práticas reais de letramento acadêmico.

4. Considerações

Neste estudo, defende-se que, consideradas as especificidades das práticas discursivas da esfera universitária, faz-se necessário promover o letramento acadêmico como meio de inclusão dos estudantes. Sendo assim, destacamos a importância da didatização dos gêneros, por meio de variados expedientes pedagógicos e ações diversas na universidade. Para isso, destaca-se a relevância de proporcionar aos estudantes um contato com a língua e com os

modos de uso, participando de situações concretas de uso. Embora haja alguma dificuldade de realizar uma transposição real dos gêneros para a sala de aula, acredita-se que só mesmo o contato imersivo e contínuo com os gêneros é capaz de levar os estudantes a desenvolver os letramentos acadêmicos.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.

BEZERRA, B. G.; LÊDO, A. C. Gêneros acadêmicos e processos de letramento no ensino superior. In: PEREIRA, C. R. (Org.). *Escrever na universidade: panoramas e desafios na América Latina*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2018. p. 175-207.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

FIAD, R. S. A escrita na universidade. *Revista da Abralín*, v. Eletrônico, n. Especial, p. 357-369. 2ª parte 2011.

FISCHER, A. *A construção de letramentos da esfera acadêmica*. 2007. 340 f. (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

LEMKE, J. Letramento midiático: transformando significados e mídias. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, 2010.

LILLIS, T. M. Whose 'Common Sense'? Essayist literacy and the institutional practice of mystery. In: JONES, C.; TURNER, J.; STREET, B. (Org.). *Students writing in the university: cultural and epistemological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

MACHADO, A.; LOUSADA, E. A apropriação de gêneros pelo professor: em direção ao desenvolvimento pessoal e à evolução do "métier". *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 3, p. 619-633, set./dez. 2010.

XXXX

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Gêneros na escola: uma proposta didática de trabalho. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.20, n.2, p. 449-469, jul./dez. 2017.

STEPHANI, A.; ALVES, T. A escrita na universidade: os desafios da aquisição dos gêneros acadêmicos. *Raído*, Dourados, v. 11, n. 27, p. 529-547, ago. 2017.

STREET, B. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.